

# Bendita seja a paz!

Percorriam as ruas da Capital grupos de manifestantes, silabando insistentemente a palavra *Vitória*. Era justa a alegria, e merecido o triunfo. O povo fazia bem, unindo-se ao coro internacional de júbilo pelo fim da guerra. *Vitória! Vitória!*

Num dos grupos que subia a Avenida da Liberdade, incorporaram-se também operários. Um deles, de meia idade, rosto queimado pelo sol, fato de ganga descolorado já, no momento em que ia mais alto o clamor de *Vitória*, ergueu a sua voz possante, e exclamou: *Viva a Paz!*

Que teria pensado este homem do trabalho, sobre quem pesavam certamente os misteres mais rudes e para quem a vida deve ter sido sempre dura, para não se associar ao clamor dos outros, que vitoriavam a vitória?

Não sei! Mas tive a impressão de que o homem do povo compreendeu que o grito de vitória é afinal ainda um grito de guerra.

Vitória de uns, derrota de outros. Humilhação imposta pela força. Despertar de vinganças futuras. Germe de guerra. Se a vitória se transforma em opressão do vencido, já se diminuiu a si mesma, deixou de se tornar simpática.

Não assim a paz. A paz supõe generosidade, espírito de renúncia, dedicação e amor. A paz é dom de Deus aos homens de boa vontade. Por isso, bem-aventurados os pacíficos!

Qualquer que seja o campo de batalha, a luta, ao contrário do que pregavam os corifeus da violência, traz sempre consigo a destruição e a morte. Nem sequer a «luta pela vida» é criadora, porque transforma a sociedade num campo de batalha. Também aqui há vencedores e vencidos. Também aqui se geram ódios, se despertam invejas, se dividem as classes, se aniquilam os fracos. E por mais que se acredite no valor da selecção natural pela eliminação dos incompetentes e dos incapazes, da luta pela vida não tem saído vitoriosa a paz social. Antes cada vez sobe mais a onda de revolta, da insatisfação, da vingança. Não! A luta pela vida é também uma guerra, em que acabam sempre por cantar vitória, não sobre a vida mas sobre os seus semelhantes, os que têm mais ousadia, mais sorte ou mais auxílio.

Tinha razão o bom trabalhador em vitoriar a paz. Essa é que pode chamar-se a verdadeira criadora do progresso e do bem-estar da humanidade. Tanto no aspecto internacional como social, nada de bom, de construtivo, de duradouro e de humano se poderá realizar sem ela. A fraternidade compreensiva é amiga entre as nações e os indivíduos, o auxílio mútuo para a maior ascensão de todos aos benefícios comuns do progresso, a indulgência para com as faltas alheias, tantas vezes involuntárias ou pelo menos, desculpáveis, a alegria das realizações plenas, tudo isto é fruto da paz e só na paz se torna possível.

Que produz, efectivamente, em si a mesma vitória? Absolutamente nada. Porventura a vitória de 1918 gerou a paz e a felicidade, ou, pelo menos, a tranquilidade dos povos? A vitória de Hitler em 1933, que produziu, afinal, senão ódios, e lutas e vinganças e morte? E a vitória do bolchevismo terá produzido qualquer coisa de diferente? Quando os povos, ou os partidos começam a cantar vitória, os hinos de triunfo acabam sempre com acordes que se confundem estranhamente com toques de clarim.

1945-11-13

Recordo-me de um ilustre Professor de Direito internacional, homem sábio e de cabelos brancos, que a morte já levou há muito, ensinar aos seus alunos, nos bancos da Universidade internacional de Lovaina, com as lágrimas nos olhos e entre os aplausos da assistência, que o Tratado de Versaillies tinha colocado definitivamente a guerra fora da lei. As questões internacionais, exclamava, nunca mais serão dirimidas pela espada. Pobre velho! A vitória não basta para vencer, sobretudo quando os homens não querem compreender a vacuidade do triunfo num campo de luta, seja ele qual for.

A lição parece ter preocupado os homens sobre quem pesam os destinos do mundo, pois tão insistentemente nos falam de ganhar a batalha da paz. Deus o queira. Para o futuro das Nações, sobretudo para o futuro da Europa, o que interessa é ganhar a paz. Enquanto ela não estiver definitivamente adquirida, são bem prematuros os gritos de vitória.

O mesmo se pode afirmar no campo social. Nenhuma doutrina, nenhum partido, nenhuma forma de governo pode julgar ter ganho a partida, enquanto não conseguir ganhar a paz. Como são loucas, portanto, todas as prepotências, todas as injustiças, todos os arbítrios, se apenas nasce deles atmosfera de luta, de divisão e de ódio.

O caminho foi há muito traçado, mas tão pouca gente o pretende seguir! A lei do amor fraterno — camai-vos uns aos outros — é o único segredo da paz. É no amor que se geram a mútua compreensão, aquela doação plena de si mesmo ao bem alheio, a fome e a sede de justiça, a leal colaboração e estima entre os homens, a âncora de fazer o bem para ser feliz, a dignificação dos fracos e a ambição do bem comum.

E só nestes sentimentos vividos pelos povos encontrarão eles a verdadeira e duradoura paz.

Permita o Todo Poderoso que o «viva» do honrado operário se tenha feito ouvir pelo mundo todo, e que os hinos de vitória se confundam com o doce cântico da Paz.

ABEL VARZIM.